

José Pastore

Temos TUDO por fazer

Poucas pessoas no Brasil têm tanta autoridade para falar sobre trabalho e emprego quanto o professor José Pastore. Seu conhecimento sobre o assunto, acumulado em mais de 40 anos de estudos, lhe permite tratar com profundidade tanto de questões de viés mais econômico – como desemprego, informalidade e burocracia – quanto de aspectos comportamentais e psicológicos, como o uso de drogas e tatuagens e a timidez no trabalho.

É a especialidade desse sociólogo e professor aposentado da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP). Mas não seu único interesse. Com a mesma desenvoltura, José Pastore, autor de 25 livros e membro da Academia Paulista de Letras, pensa e escreve sobre temas tão diversos quanto a solidão produzida pela internet, a fé como capital social e as mazelas da política nacional. Basta dar uma passeada em sua página na internet (www.josepastore.com.br) – onde há uma área dedicada a “assuntos do dia-a-dia” – ou acompanhar os grandes jornais nacionais, onde seu nome aparece freqüentemente, como entrevistado ou autor de textos.

Ao falar sobre o mundo do trabalho no Brasil, o professor José Pastore mescla uma visão crítica, por vezes pessimista, com esperança: “Não há como não ter fé no futuro do Brasil”. Mas a missão, naturalmente, é gigantesca. Exige a superação de obstáculos que há décadas estão nos discursos de dez entre dez políticos, líderes empresariais e sindicais. Pastore fala dos mesmos problemas, mas oferece sugestões concretas para vencê-los ou, pelo menos, amenizá-los.

Uma delas é o que ele vem chamando de “Simples Trabalhista”, um sistema pensado para reduzir a informalidade nas pequenas e microempresas que já estão no Simples. Pastore também defende mais investimentos em programas de qualificação.

Estes e outros temas são abordados nesta entrevista que ele concedeu por e-mail à **Observatório da Indústria** e na qual fala especialmente aos jovens brasileiros, tão pressionados num mundo onde falta emprego e a concorrência chega a ser desumana. “Se ainda não têm, inoculem-se com o vírus da curiosidade”, aconselha. ◇

José Pastore

Observatório da Indústria – Uma série de dados divulgada recentemente mostra que 45% dos desempregados no Brasil são jovens e que a taxa de desemprego entre eles é bem maior do que a média nacional. Quais são as razões disso?

José Pastore – Os jovens têm menos experiência (e se não forem empregados jamais terão). As empresas relutam em empregá-los porque o custo de contratação é o mesmo de um profissional experiente. Nos países avançados (e entre alguns emergentes) existe o chamado “contrato de formação”, que permite à empresa empregar um jovem recém-saído da universidade ou de curso técnico com menos encargos sociais, por um período que varia entre 12 a 24 meses. O Brasil não tem essa alternativa. Há ainda outros motivos. Na dinâmica das empresas, o primeiro a ser despedido é o menos experiente. Isso atinge os jovens em cheio e eleva a taxa de desemprego deles. Na hora de admitir, a empresa procura o mais experiente. Isso atinge o jovem novamente.

O governo Lula prometia beneficiar 250 mil jovens com o programa Primeiro Emprego, que dá incentivo financeiro às empresas para cada vaga criada para jovens. Mas atingiu apenas pouco mais de 5 mil. Por que esse programa fracassou?

Pastore – Foi um grande fiasco – aliás, previamente anunciado. Todos os especialistas apontaram o excesso de burocracia para a empresa empregar esse jovem em condições especiais. O governo não quis simplificar a burocracia. As exigências eram tantas que as empresas não se animaram, e não contrataram.

As estatísticas mostram que, entre os jovens desempregados, há uma boa parcela que concluiu o ensino médio e até o superior. Isso não pode desestimular a busca pela educação formal, com

base em argumentos do tipo “de que adianta estudar, se não há trabalho”?

Pastore – De fato, o desemprego está atingindo até os mais educados. É uma pena. Isso desestimula e frustra os jovens. Muitos alunos me fazem essa pergunta: para que estudar? É embaraçosa. Costumo responder com outra pergunta: se a educação atrapalha, vocês acham melhor tentar a ignorância? Ocorre que o Brasil conseguiu diplomar mais jovens nos últimos 15 anos, mas não conseguiu criar empregos suficientes. Daí o desequilíbrio. As empresas têm uma grande oferta de pessoas com educação superior para os cargos de que dispõem. Oferecem para gente mais educada. Muitos aceitam trabalhar em condições inferiores à sua formação. Outros não. Mas isso não nos permite concluir que sobra educação. O que falta é emprego.

O alto desemprego entre os jovens reflete, de alguma forma, falta de sintonia entre o sistema educacional e o mercado de trabalho?

Pastore – A falta de sintonia vem do desequilíbrio acima apontado. Nenhum sistema educacional consegue um ajuste perfeito com o mercado de trabalho. Isso depende da oferta de empregos – que no Brasil está muito fraca e dificulta o trabalho até mesmo

para os que têm mais educação.

Como estimular a criação de vagas para absorver os trabalhadores jovens?

Pastore – A geração de empregos depende de muitos fatores. Três deles são essenciais: crescimento sustentado, educação de boa qualidade e legislação trabalhista modernizada. O Brasil está mal nas três áreas. O crescimento tem sido pífio porque os investimentos são irrisórios. A qualidade do ensino vai de mal a pior – vejam os resultados do SAEB e do ENEM publicados pelo MEC em fevereiro de 2007.

Muitos alunos me perguntam: para que estudar? Costumo responder com outra pergunta: se a educação atrapalha, vocês acham melhor tentar a ignorância?

